

JOSÉ MIGUEL CARDOSO

# ONDE ESTÁ O TEU FILHO?

PARA UMA PEDAGOGIA QUOTIDIANA  
DIANTE DA CRISE FAMILIAR



PAULLUS

# INTRODUÇÃO

---

Adão conheceu Eva, sua mulher. Ela concebeu e deu à luz Caim, e disse: «Gerei um homem com o auxílio do Senhor». Depois, deu também à luz Abel, irmão de Caim. Abel foi pastor e Caim, lavrador. Ao fim de algum tempo, Caim apresentou ao Senhor uma oferta de frutos da terra. Por seu lado, Abel ofereceu primogénitos do seu rebanho e as suas gorduras. O Senhor olhou com agrado para Abel e para a sua oferta, mas não olhou com agrado para Caim nem para a sua oferta. Caim ficou muito irritado e andava de rosto abatido. O Senhor disse a Caim: «Porque estás zangado e de rosto abatido? Se procederes bem, certamente voltarás a erguer o rosto; se procederes mal, o pecado deitar-se-á à tua porta e andarà a espreitar-te. Cuidado, pois ele tem muita inclinação para ti, mas deves dominá-lo». Entretanto, Caim disse a Abel, seu irmão: «Vamos ao campo». Porém, logo que chegaram ao campo, Caim lançou-se sobre o irmão e matou-o. (*Gn 4, 1-8*)

## **1. À procura dos culpados...**

Caim mata o seu irmão Abel. Ao reler esta passagem, o Nobel da Literatura, José Saramago (1922-2010), rapidamente se apressa a atribuir a culpa deste ato a Deus, pois se Deus não tivesse preferido a oferta de Abel (animais do rebanho) em detrimento da oferta de Caim (frutos da terra), a inveja não teria invadido Caim e este não teria matado o

seu irmão Abel.<sup>1</sup> Por sua vez, a longa tradição rabínica atribuiu a culpa a Caim, pois o facto de Deus olhar com mais agrado para a oferta de Abel era porque Caim já tinha um comportamento maléfico, ao contrário de Abel, e porque oferecera frutos secundários, ao passo que Abel oferece os primogénitos do seu rebanho (os melhores animais).<sup>2</sup>

Contudo, entre atribuir a culpa a Deus ou a Caim, não será que podemos atribuir a culpa deste ato a Adão e Eva (pais de Caim), devido a uma falta de educação para a emotividade? Ou seja, se (hipoteticamente) Adão e Eva tivessem educado o seu filho Caim para um controlo emocional, não será que, diante daquela preferência de Deus, Caim não teria reagido de um outro modo e Abel não teria morrido?

A propósito, o Papa Francisco, na exortação *Amoris Laetitia* (AL), deixa uma pertinente pergunta a todos os pais: onde estão os filhos? E reitera: «A família não pode renunciar a ser lugar de apoio, acompanhamento e guia» (AL 260). E mais à frente especifica o sentido da sua pergunta: «A grande questão não é onde está fisicamente o filho, com quem está neste momento, mas onde se encontra em sentido existencial, onde está posicionado do ponto de vista das suas convicções, dos seus objetivos, dos seus desejos, do seu projeto de vida» (AL 261).

---

<sup>1</sup> Cf. SARAMAGO, *Caim*, 37-40.

<sup>2</sup> Cf. SCHÖKEL, *Dov'è tuo fratello?*, 35-40.

## 2. Todos somos filhos

A “condição de filho” é uma condição que coincide com aquela de “ser humano”: na vida podemos não nos tornar pai/mãe, porém seremos sempre filhos porque não somos a causa de nós próprios, mas somos sempre gerados por um outro.<sup>3</sup> É esta consciência de sermos filhos que nos equipara à condição de sermos humanos: temos consciência de que não somos onipotentes, mas frágeis porque dependemos de um outro. Por isso, “ser humano” e “ser filho” é algo mais do que ser um simples “ser vivo”.

Por este motivo, talvez um dos maiores riscos da humanidade resida neste ponto: quando o humano se esquece que também é filho. E se a condição de filho nos empurra diretamente para o areópago do outro, o *habitat* do outro, o rosto do outro... ignorar esta condição implica ignorar a dignidade do outro.

Em boa verdade, também no âmbito da fé a única relação que podemos ter com Deus é mediante uma “relação filial”: é nisto que reside também a diferença do nosso cristianismo. E porquê? Porque não há outro caminho para o Pai (Deus) senão a partir do seu Filho, que encarnara na pessoa de Jesus, o Cristo (Jo 14, 6). Portanto, «somos filhos no Filho»<sup>4</sup>.

Ora, é partindo desta perspectiva de uma relação entre pais e filhos que se desenvolverá a presente obra.

---

<sup>3</sup> Cf. RECALCATI, *Il segreto del figlio*, 27-28.

<sup>4</sup> Cf. BOYER, *Il figlio eterno di Dio*, 367.

### 3. Creio na família

Esta obra nasce na sequência da conclusão do Diploma em Teologia Prática com especialização em Pastoral Familiar na Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma), em junho de 2022.

A obra tem por base a seguinte convicção: “creio na família”. É por crer na família que esta obra surge com o objetivo de ser um pequeno e frágil contributo para a preservação e promoção da própria identidade familiar. Uma obra que assume duas grandes finalidades interligadas: primeiro, pensar a família não apenas a partir da teologia, mas cruzando a teologia com as ciências humanas (sociologia, psicanálise, psicologia e antropologia); segundo, propor uma ação prática que, fiel aos dados do Magistério e de acordo com os dados das ciências humanas, promova uma práxis familiar que potencie a sua harmonia relacional.

Da pluralidade de temas sobre a família, esta obra tem como finalidade última procurar executar os desafios da exortação pós-sinodal *Amoris Laetitia* (2016), nomeadamente o capítulo VII («Reforçar a educação dos filhos») à luz do capítulo IX («Espiritualidade conjugal e familiar»). Ou seja, trata-se de evidenciar o necessário e fundamental papel pedagógico dos pais na formação dos seus filhos. E neste panorama pedagógico, a nossa reflexão centrar-se-á sobre um dos grandes períodos críticos da vida familiar: a crise familiar que ocorre aquando da etapa da adolescência dos filhos. Portanto, pretendemos refletir

sobre o papel educativo dos pais na fase da adolescência dos filhos.

Tendo em conta esta finalidade e temática familiares, a obra pretende abraçar quatro objetivos gerais: *primeiro*, reforçar a relação pedagógica dos pais para com os filhos (AL 261), de modo a evidenciar «a função educativa das famílias» (AL 259), com o intuito de gerar nos filhos uma «autêntica consciência cristã filial» no meio dos vários modelos de filiação; *segundo*, capacitar a família a ser um autêntico *sujeito eclesial* e não apenas um *destinatário eclesial*, mediante a vivência de uma espiritualidade tipicamente familiar (AL 290), tendo em conta os novos desafios que a atual sociedade pós-industrial (e pós-moderna) coloca à família na fase da adolescência; *terceiro*, favorecer a compreensão de que a relação pais-filhos tem como fundamento último a relação trinitária entre Pai e Filho (Jesus, o Cristo) e a família de Nazaré; *quarto*, estimular a capacidade de intuir a presença de Cristo na história concreta da vida familiar (AL 15), como critério de vivência familiar.

Por este motivo, esta obra destina-se diretamente às famílias (cristãs e não-cristãs), e indiretamente a todos os agentes de pastoral familiar e juvenil (ex.: catequese, pastoral familiar, movimentos juvenis, escolas católicas, entre outros), bem como a outros agentes pedagógicos de âmbito extra-eclesial.

#### 4. Passos e limites de um percurso

A fim de atingirmos estes objetivos (e, por meio destes, atingirmos a finalidade deste trabalho), a presente obra divide-se em duas grandes partes articuladas. Assim, na *primeira parte* (discernir a identidade filial), de âmbito mais teórico, faremos: uma leitura sociológica à relação entre pais e filhos entre a sociedade pré-industrial, industrial e pós-industrial (cap. I); uma leitura psicanalítica aos quatro grandes modelos de filiação (cap. II); e, como não poderia deixar de ser, uma leitura da identidade filial daquele que é o Filho por excelência, Jesus, o Cristo (cap. III). Na *segunda parte* (promover a família como sujeito eclesial), de âmbito mais prático, faremos: uma síntese das principais orientações da exortação *Amoris Laetitia* sobre a função pedagógica dos pais e as dimensões da espiritualidade da família (cap. IV); uma reflexão sobre o impacto da fase da adolescência como fonte de crise familiar (cap. V); e, para chegar à operacionalidade desta reflexão, apresentaremos um conjunto de práticas familiares quotidianas que potenciem a função pedagógica dos pais na exigente fase da adolescência dos filhos e, por inerência, promovam a superação desta frequente crise familiar (cap. VI).

Compete-nos ainda fazer uma breve referência a alguns limites desta obra. Primeiro, o inevitável limite ontológico do autor, enquanto criatura finita que procura refletir sobre uma temática tão ampla e tão instável. Segundo, a fundamentação desta obra baseia-se na leitura de bibliografia especializada, no diálogo com especialistas

da temática familiar, na experiência pessoal de ser filho (rebelde) e na experiência de ser pároco. Portanto, esta obra não pretende afirmar-se como sendo uma visão exclusiva e única desta temática familiar, mas apenas uma visão que tem por base este contexto pessoal do autor, com todos os limites que isso implica.

Assim, a obra visa demonstrar como um diálogo interdisciplinar entre a teologia e as ciências humanas acaba por enriquecer ambas as partes. E porquê? Porque se a fé se desliga da vida, a fé reduz-se a um fundamentalismo. E se a vida se desliga da fé, a vida reduz-se a um puro biologismo. O que importa aqui é promover o ser humano, mediante a promoção da família, e promovendo-se a família promove-se a própria sociedade.

Neste sentido, iniciamos esta reflexão remetendo para outra pergunta introdutória: o que significa ser filho hoje?